

**RESENHA:  
A OBRA DE OLEONE COELHO**

*Thomas Beebe*<sup>1</sup>

---

O jornalista, romancista, contista, cronista e historiador Oleone Coelho Fontes reside em Salvador, Bahia. Seus trabalhos sempre se convergem a uma área específica de interesse: o Estado de Bahia. Como historiador, é reconhecido pelas suas obras *Lampião na Bahia* (1988) e *O Trem-Terra, Moreira César, a República e Canudos* (1997). Em seus dois trabalhos mais recentes, Fontes se dedica pela quarta vez ao conflito baiano de Canudos em 1897 e pela primeira vez à Salvador urbana. *Rua Chile* tem como subtítulo "Uma epopéia de charme, glamour e fantasia", e o gênero de epopéia poderia ser também apropriado ao sombrio *Quinta Expedição* (2002). Ambos os trabalhos se embrenham no campo da novela épica, da história e da etnografia que se mesclam através da fantasia.

A biografia acima citada de Moreira César, o comandante da malfadada terceira expedição contra Canudos, tornou-se leitura obrigatória deste capítulo triste da história brasileira. Tendo Moreira César como o personagem central da sua novela, Fontes faz mais uma contribuição ao já prolífico campo da ficção sobre Canudos, no qual todos os ângulos parecem ter sido cobertos. Porém, Fontes achou perspectiva nova para narrar este tema, aliás duas. Primeiramente, ele conta a história do ponto-de-vista de um jornalista americano, estudioso que viaja para Canudos como correspondente para o jornal *Le Peuple Souverain*, de Québec. Em suas conversas, o jornalista ouve opiniões diversas que variam desde os sentimentos jacobitas de Febrônio Brito, líder da segunda expedição, aos dos Canudenses, incluindo um sermão do próprio Antonio Conselheiro. A presença do norte-americano obriga o leitor a considerar as dimensões mundiais do conflito sertanejo.

---

<sup>1</sup> Distinguished Professor, Penn State University (USA).

A segunda inovação é o uso do “realismo mágico,” ou seja, a introdução de certos elementos fantásticos dentro da modalidade realista da narração. A narrativa é interrompida com a retirada do Coronel Moreira César de Canudos. Retirada sim, e logo viagem aérea de balão, em vez da morte estúpida que o coronel sofreu na realidade. A fantasia começa a tomar conta da narrativa, e cresce com cada página até o fim. Na página 317, começamos repentinamente com a segunda parte do livro, o Opus No. 2. A princípio, ficamos desorientado ao lermos sobre a exclusão de um soldado de sua companhia, a Sexta Cia de Guardas, baseada no Forte do Barbalho em Salvador, em 1957, muitas décadas depois da guerra em Canudos. Somente após a descrição detalhada desta cena é que conhecemos o protagonista desta segunda parte, o comandante Vaz Sampaio. Influenciado por material lido enquanto nas latrinas, decide que sua companhia treine suas manobras em Canudos. Em sua marcha para Canudos, Sampaio encontra o misterioso Damião Arcanjo, um jagunço octogenário. Arcanjo acredita que Sampaio seja a reencarnação de Moreira César, papel que Sampaio eventualmente aceita, pois sua intenção é invadir o Canudos de 1957. Composta de uma variedade de gêneros literários, incluindo um discurso radiofônico, os registros dos diários de Arcanjo e Sampaio/César, e uma desesperada carta enviada pelas tropas ao general, denunciando seu líder como insano e alertando-o ao iminente desastre, a narrativa desta "quinta expedição" torna-se a primeira e mais importante narrativa pós-moderna de uma estória cuja narração tem sido dominada por perspectivas realistas e às vezes naturalistas. Esta epopéia pós-moderna, porém, ainda mantém um tom de simpatia pelos derrotados no conflito.

O estilo de Coelho Fontes possui muitas qualidades Rabelaisianas: rico em fantasia; freqüentemente obsceno sem chegar ao pornográfico; repleto de listas; disposto a ver, sem preconceitos ou condenações, a humanidade como animal falível que somos, com fortes ligações à terra e à natureza. Um exemplo é a chegada do reporter de *Le Peuple Souverain*, em Salvador, e a sua impressão da cidade:

Vagou entorpecido, atarantado e infatigável por praças, ruas, becos e vielas, galgou ladeiras, no topo das quais chegava semi-desidratado e cogitando o porquê de os naturais, sem exceção, não padeceram de doenças cardíacas, procurando ininterruptamente matar a sede que lhe triturava as entranhas com água mineral de Brucourt, temendo líquidos de potes, moringas e torneiras. Enfiava-se nos buliçosos labirintos, becos, ruas estreitas e vielas tortuosas e aladeiradas, às escorregadelas, assediado por pivetes que empinavam periquitos e imploravam vintém, perseguido por meretrizes que, sabendo-o alienígena, dispensavam-lhe o tratamento de patricio, as mais despachadas e despudadoras ameaçando agarrar-lhe o membro, cognominando-o tesudo, bonitão, esfregando um dedo no outro para que o gringo soubesse que eram capazes de praticar atos inimagináveis na horizontal, se bem remuneradas (115).

Os leitores deliciar-se-ão com essa linguagem exuberante, que varia do eruditismo - o título do sermão de Conselheiro, “Sermão pelo bom suces. Das armas do B. Monte contra as da Rep. Florianista” (249-62), ecoa o sermão mais famoso do Padre Antonio Vieira<sup>2</sup> - a uma linguagem bastante coloquial, incluindo muitas palavras e expressões usadas e ouvidas somente no interior da Bahia. Também poderíamos farejar uma influência de outro escritor baiano, o Jorge Amado. Fica um tanto difícil escapar à alusão ao romance *Tenda dos Milagres* (1969). Este possui, por exemplo, além do protagonista baiano Pedro Archanjo, uma estrutura novelística semelhante, mesclando historia e ficção, incorporando uma variedade de vozes, cujo enredo trata da visita de um professor norte-americano em busca do misterioso historiador e antropólogo de Salvador. Devido ao denso jogo entre realidade e ficção, estória e profecia, o romance parece requerer certo conhecimento prévio e interesse na questão da Campanha de Canudos para total apreciação da obra.

De maneira igual, leitores com experiência prévia da capital baiana terão vantagem no entendimento e talvez maior prazer na leitura de *Rua Chile*. Segundo a confissão feita pelo autor no prefácio, a estrutura deste livro surge, não da literatura brasileira (e nem da chilena), mas da espanhola. A obra-mestre de José Camilo Cela, *La colmena* (1936), retrata a capital da Espanha durante um dia. O romance de Cela, autor que ganhou o prêmio Nobel no ano de 1989. Consiste em centenas de episódios curtos, e descreve brevemente personagens cujos entrelaços entre si consistem unicamente do espaço compartilhado da "colmeia" Madri.

Conforme o seu título, e em homenagem ao centenário da avenida, *Rua Chile* descreve as saídas, vindas, paradas, sentadas e trepadas dos muitos habitantes, buscando negócios ou prazeres nesta "Quinta Avenida" de Salvador ou nas proximidades dela. Mais importante, o livro retrata, propaga e até celebra a propensidade baiana/brasileira de fofoquear e bisbilhotar a vida de “quem passa, quem entra, quem sai, quem sobe, quem desce, quem cheira, quem fede, quem escorrega, quem fode, quem é cabaço, quem toma nas coxas, quem é incubada, quem dá e quem toma corno, quem não vai além do tronco, quem dá o rabo, quem não parece mas é viado...” (340). As atividades alistadas são na verdade a paixão de muitos personagens, que entram e saem do palco do Rua Chile. Cada um dos 22 capítulos curtos da epopéia recebe um rúbrico musical - ex. *allegro con fuoco, andante maestoso* - análogo às ideias de gesto e ritmo do movimento pedestre e motorizado ao longo da avenida. Cada capítulo termina com um quadrinho que apresenta três ou quatro versos de propaganda comercial ou política: "Vá ver que coisa bacana / Não leve dinheiro. / Na tentação da semana / Das lojas O Cruzeiro" (135). Cada capítulo divide-se em trechos - de um párrafo até cinco páginas - focalizados num personagem ou evento. De vez em quando, reaparecem as personagens, ou uma trama continua em episódios, mas a grande maioria dos episódios são contados de uma vez só. Variam genericamente: alguns são contos, outros crônicas, outros contêm versos satíricos, como o seguinte: “Senador, que esperteza! / Ovelha volta ao aprisco! / Lobo vai sentar à mesa, / na pele de São Francisco!” (73). Vem ainda piadas, com a marca distinta do “puchline.” Alguns parecem com reportagens jornalísticas – alguns recentes (o

---

<sup>2</sup> O correspondente sermão de Vieira chama-se “Pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda.” Foi pregado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda da Cidade da Bahia em 1640.

desastre de 11 de setembro é referido na página 199), outros achados em arquivos. Além do prefácio e pós-fácio, o livro tem também um meso-fácio (na página 236, um bocado além da metade do livro), no qual o leitor receberá (finalmente) uma história objetiva da Rua Chile e três poemas celebratórios feitos por outros autores. Fica resolvido aqui o mistério do nome esquisito da rua, dado em honra ao esquadrão do exército chileno que visitou o Brasil, em 1902, e desfilou pela avenida. Relemos algumas fantasias do livro como história e reportagem.

De acordo com a analogia musical, e em contraste à obra de Cela, a cronologia dos episódios é livre, quer dizer, atravessamos a Rua Chile não só no espaço, mas também no tempo. Uma foto da rua na capa traseira data dos anos 40, e várias das estórias relacionam-se com a segunda guerra mundial, enquanto a propaganda para a loja Ao Dedal de Ouro parece décadas mais antiga. Num acontecimento que daria fim a uma narrativa mais convencional, os ruiros da Rua Chile protestam a construção de um shopping em outro bairro de Salvador. A chegada do shopping significa a substituição da vida de passante de rua por uma bem diferente:

Políticos, artistas, povo, mães e pais-de-santo, comerciantes, turistas, camelôs, vendedores de cerveja, refrigerante, cachorro-quente, batedores de carteira, trombadinhas, catadores de lata. O ambiente festivo é também um dia melancólico. A Rua Chile vai ser riscada do mapa de Salvador a partir deste dia, em face da inauguração de imenso Shopping Center, no outro extremo da cidade. Esta é a festa de despedida. A multidão ali não está para reverenciar, sim para despedir-se, protestar.

Todos protestam erguendo bem alto chapéus, bengalas, guarda-chuvas, braços, bandeirinhas de papel da Bahia, aos gritos, aos assovios, aos apupos. Governantes juntam-se, parlamentam e, ao final da concentração, divulgarão manifesto explicando aos soteropolitanos que infelizmente progresso é progresso, ninguém dele escapa (139-140).

A Rua Chile tinha que morrer para que nascesse a estória dela? Esta cena de despedida aparece não no fim do livro, mas um pouco antes do meio. A cronologia solta junta-se ao elenco de milhares de pessoas para deixar uma impressão não longe daquela conquistada por José Camilo Cela em *La colmena*: o leitor lembrar-se-á não tanto de pessoas quanto de lugares – a Confeitaria Chile, a sala principal do *Jornal de Notícias* – como os protagonistas desta epopéia. Será que algum dia algum escritor escreverá um romance no qual o protagonista seja um shopping center?

Para quem tem interesse na cultura e estória da Bahia, essas duas obras sem gênero de Oleone Coelho Fontes fornecem um conhecimento íntimo por meio de um virtuosismo estilístico acompanhado por uma fantasia potente.